

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Simone Alves da Mata¹
Athais Michelly Andrade Nascimento Oliveira²
Juraci Magalhães Rodrigues³
Nádia Alves da Silva Brandão⁴
Patric Devyd Gomes Vieira⁵
Rosália Bueno Magalhães de Lima⁶

RESUMO: O presente trabalho examina as práticas pedagógicas adaptadas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino fundamental, destacando a necessidade de abordagens que promovam equidade e engajamento efetivo. O objetivo central reside em investigar como intervenções personalizadas podem mitigar barreiras à aprendizagem, fomentando autonomia e interação social em ambientes escolares comuns. Adota-se uma perspectiva crítica sobre a integração de estratégias comunicativas e recursos tecnológicos, revelando que tais práticas não apenas atendem às particularidades sensoriais e cognitivas dos alunos, mas também enriquecem o currículo para o grupo todo, conforme explorado por Santos (2024), que enfatiza a comunicação alternativa como eixo transformador. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica, na qual se sistematizam fontes teóricas para construir um quadro analítico coeso, alinhando-se aos princípios delineados por Lakatos e Marconi (2017), que orientam a seleção criteriosa de materiais para análise profunda, e Severino (2017), que reforça a relevância de uma revisão exaustiva para validar argumentos educacionais. Esse procedimento permite mapear contribuições de autores como Mantoan (2015), cujas proposições sobre inclusão ativa guiam a reflexão, e Stainback e Stainback (1999), que complementam com orientações práticas para educadores. Assim, o texto delineia caminhos para superar desafios como a rigidez curricular, propondo que a inclusão genuína exija formação contínua de professores, resultando em salas de aula responsivas e equânimes, onde o potencial de cada aluno se desdobra em harmonia coletiva.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Transtorno do espectro autista. Estratégias pedagógicas. Ensino fundamental. Comunicação alternativa.

¹ Mestre em Educação, com especialização em Formação de Professores
Universidad Europea del Atlántico – UNEATLANTICO

² Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação
Must University (MUST)

³ Mestrando em Ciências da Educação.
Universidad Del Sol - UNADES.

⁴ Mestranda Profletras
Universidade Estadual do Acre - UFAC

⁵ Mestrando em Educação Inclusiva - PROFEI
Universidade Estadual do Maranhão

⁶ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação
Must University (MUST)

ABSTRACT: This work examines pedagogical practices adapted for students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in elementary school, highlighting the need for approaches that promote equity and effective engagement. The central objective is to investigate how personalized interventions can mitigate learning barriers, fostering autonomy and social interaction in regular school environments. It adopts a critical perspective on the integration of communicative strategies and technological resources, revealing that such practices not only address the sensory and cognitive particularities of students but also enrich the curriculum for the entire group, as explored by Santos (2024), who emphasizes alternative communication as a transformative axis. The methodology consists of bibliographic research, in which theoretical sources are systematized to build a coherent analytical framework, aligning with the principles outlined by Lakatos and Marconi (2017), who guide the selective selection of materials for in-depth analysis, and Severino (2017), who reinforces the importance of exhaustive review to validate educational arguments. This procedure allows mapping contributions from authors like Mantoan (2015), whose propositions on active inclusion guide the reflection, and Stainback and Stainback (1999), who complement with practical guidance for educators. Thus, the text outlines paths to overcome challenges such as curricular rigidity, proposing that genuine inclusion requires continuous teacher training, resulting in more responsive and equitable *Classrooms*, where each student's potential unfolds in collective harmony.

Keywords: School inclusion. Autism spectrum disorder. Pedagogical strategies. Elementary school. Alternative communication.

1. INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas inclusivas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino fundamental demandam uma reconfiguração profunda dos processos de ensino, uma vez que o TEA abrange um espectro amplo de características neurodesenvolvimentais que influenciam a percepção sensorial, a interação social e o processamento cognitivo. Essa delimitação inicial revela a complexidade do objeto, que envolve não apenas adaptações curriculares, mas uma visão holística da sala de aula como espaço de convivência diversa, onde as diferenças se tornam oportunidades para o aprendizado mútuo. Santos (2024) aprofunda essa visão ao argumentar que a inclusão vai além da mera presença física, exigindo intervenções que respeitem as singularidades, enquanto Mantoan (2015) complementa com a ideia de que o ambiente escolar deve ser ativamente modificado para acolher variações, promovendo assim uma educação verdadeiramente equitativa e transformadora.

A problemática central emerge da tensão entre as demandas do currículo padrão e as necessidades específicas de alunos com TEA, resultando em exclusão velada por meio de práticas pedagógicas inadequadas que ignoram as barreiras comunicativas e sensoriais. Esse conflito se agrava em contextos de ensino fundamental, onde a transição para habilidades abstratas intensifica as dificuldades, levando a taxas elevadas de evasão ou subdesempenho.

Stainback e Stainback (1999) tensionam essa realidade ao propor que a inclusão requer uma mudança paradigmática, contrastando com visões tradicionais que isolam o aluno, e Santos *et al.* (2024) aprofundam o desdobramento ao destacar como tecnologias assistivas podem mediar essa transição, revelando assim a urgência de estratégias que equilibrem rigidez curricular com flexibilidade individualizada.

A justificativa teórica para essa investigação reside na relevância de contribuir para o debate sobre inclusão, em especial em um momento em que políticas educacionais brasileiras enfatizam a equidade, mas carecem de orientações práticas para o TEA, enquanto a social se apoia na redução de desigualdades que afetam famílias e comunidades. Santos (2024) aproxima-se dessa perspectiva ao defender que práticas inclusivas fortalecem o tecido social da escola, e Mantoan (2015) complementa com argumentos que ligam a inclusão a ganhos coletivos em desenvolvimento socioemocional, justificando assim uma análise que oriente educadores na implementação de abordagens eficazes e sustentáveis.

O objetivo geral consiste em analisar as práticas pedagógicas inclusivas para alunos com TEA no ensino fundamental, identificando estratégias que promovam engajamento e autonomia. Os objetivos específicos incluem examinar recursos comunicativos alternativos, avaliar o papel de tecnologias assistivas e propor adaptações curriculares baseadas em evidências. Santos *et al.* (2024) sustentam esses fins ao ilustrar como a comunicação aumentativa fomenta a participação, enquanto Stainback e Stainback (1999) desdobram a necessidade de objetivos que priorizem a colaboração entre professores e especialistas, orientando assim uma investigação que avance na construção de ambientes educacionais acessíveis.

A abordagem metodológica adotada configura-se como pesquisa bibliográfica, pela qual se compila e interpreta um corpus de fontes selecionadas para sustentar a argumentação crítica sobre inclusão. Lakatos e Marconi (2017) orientam essa escolha ao defenderem que tal procedimento permite uma síntese rigorosa de conhecimentos acumulados, enquanto Severino (2017) aprofunda a validade ao enfatizar a relevância de critérios claros na seleção bibliográfica, garantindo que o material reflita debates atuais e consolidados no campo educacional.

O trabalho organiza-se em seções sequenciais para uma progressão lógica da análise. A seção 2 explora os fundamentos conceituais da inclusão para alunos com TEA, com subseções sobre estratégias adaptadas, tecnologias mediadoras e desafios institucionais. Segue-se a seção 3, dedicada à metodologia, que detalha o procedimento bibliográfico e apresenta o quadro de

referências teóricas. A seção 4 oferece considerações finais, sintetizando as implicações para a prática pedagógica, e a seção 5 lista as referências consultadas.

2. FUNDAMENTOS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS COM TEA

A inclusão de alunos com TEA no ensino fundamental pressupõe uma compreensão integral das características do transtorno, que variam de desafios na comunicação verbal a sensibilidades sensoriais intensas, demandando práticas que equilibrem estrutura e flexibilidade. Essa base conceitual revela que a educação inclusiva não é mera adaptação, mas uma reconstrução do espaço escolar para valorizar a diversidade neurocognitiva. Santos (2024) integra essa visão ao propor que intervenções sensíveis promovam a autonomia, enquanto Mantoan (2015) contrasta com abordagens tradicionais ao defender que a inclusão ativa transforma o currículo em ferramenta de equidade, ampliando assim o potencial de aprendizado para todos os envolvidos.

Santos *et al.* (2024) desenvolvem essa perspectiva ao destacar como a comunicação alternativa, como pictogramas e dispositivos digitais, facilita a expressão de alunos com TEA, complementando as ideias de Stainback e Stainback (1999), que enfatizam a colaboração entre pares para reduzir isolamento social. Essa articulação evidencia que práticas inclusivas fortalecem laços afetivos na sala de aula, promovendo ambientes onde a empatia se torna motor do desenvolvimento coletivo e individualizado.

A reflexão sobre esses fundamentos sugere que educadores devem priorizar avaliações formativas contínuas, adaptando lições a respostas individuais, o que não apenas atende ao TEA, mas enriquece a dinâmica grupal. Essa abordagem crítica, ancorada em Santos (2024), revela tensões entre demandas curriculares e necessidades específicas, tensionando a necessidade de formação docente para implementar mudanças efetivas que transcendam o paliativo e alcancem a transformação pedagógica sustentável.

Souza e Guisso (2025) aprofundam o diálogo teórico ao analisar como rotinas visuais e reforços positivos mitigam ansiedades em alunos com TEA, aproximando-se de Morais (2025), que explora estratégias matemáticas personalizadas para fomentar confiança. Essa complementação ilustra que a inclusão exige integração de disciplinas, onde recursos adaptados não isolam o aluno, mas o conectam ao grupo, expandindo assim as possibilidades de interação e compreensão mútua no ensino fundamental.

A análise desses elementos aponta para a relevância de políticas escolares que incorporem avaliações multidisciplinares, garantindo que práticas inclusivas sejam viáveis e

monitoradas. Essa orientação autoral, inspirada em Mantoan (2015), destaca que sem suporte institucional, as estratégias teóricas permanecem ineficazes, reforçando a urgência de redes de apoio que sustentem o progresso contínuo e inclusivo da educação.

2.1. Estratégias Pedagógicas Adaptadas

Estratégias pedagógicas adaptadas para alunos com TEA no ensino fundamental centram-se na personalização de atividades que respeitem ritmos individuais, incorporando elementos sensoriais controlados para minimizar sobrecargas. Essa adaptação inicial demonstra que o sucesso depende de planejamento colaborativo, onde professores ajustam objetivos para alinhar desafios cognitivos com forças pessoais. Santos *et al.* (2024) sustentam essa ideia ao defenderem o uso de narrativas visuais para estruturar tarefas, enquanto Santos (2024) desdobra o complemento ao enfatizar que tais estratégias fomentam a previsibilidade, essencial para reduzir ansiedades e promover engajamento ativo.

Santos *et al.* (2024) tensionam essa estrutura ao propor que a instrução diferenciada, como estações de trabalho rotativas, permite que alunos com TEA participem em seu nível, contrastando com abordagens uniformes que agravam desigualdades. Essa relação explícita revela que a adaptação não compromete o currículo, mas o enriquece, criando oportunidades para que todos os alunos desenvolvam habilidades socioemocionais em um ambiente de apoio mútuo e progressivo.

A crítica a essas estratégias reside na necessidade de monitoramento contínuo, evitando que adaptações se tornem isolantes em vez de integradoras, o que exige reflexão docente sobre impactos reais. Essa visão autoral, alinhada a Stainback e Stainback (1999), sugere que o foco em metas compartilhadas fortalece a coesão grupal, transformando desafios em caminhos para uma educação resiliente e inclusiva.

Santos (2024) aproxima-se dessa reflexão ao discutir como reforços positivos baseados em interesses específicos de alunos com TEA motivam participação, complementando Moraes (2025), que aprofunda aplicações em disciplinas como matemática através de jogos adaptados. Essa interlocução destaca que estratégias personalizadas não apenas atendem necessidades individuais, mas estimulam criatividade coletiva, ampliando o repertório pedagógico para o ensino fundamental.

Essa articulação teórica evidencia a potencialidade de estratégias que equilibrem rotina e inovação, garantindo que alunos com TEA contribuam ativamente para o grupo. O

aprofundamento surge da integração de *feedback* imediato, que ajusta intervenções em tempo real, promovendo assim uma dinâmica escolar dinâmica e equitativa.

A observação de tais práticas em contextos reais reforça que educadores devem cultivar empatia profissional, integrando famílias no processo para reforçar aprendizados fora da escola. Essa perspectiva autoral, inspirada em Mantoan (2015), indica que a inclusão plena exige redes externas, expandindo o impacto pedagógico para além das paredes da sala de aula.

2.2. Tecnologias Assistivas Na Prática

Tecnologias assistivas na prática inclusiva para alunos com TEA no ensino fundamental atuam como mediadoras essenciais, facilitando acesso a conteúdos através de ferramentas que acomodam preferências sensoriais e comunicativas. Essa aplicação prática ilustra que dispositivos como tablets com aplicativos visuais não substituem o professor, mas ampliam sua capacidade de personalização. Santos *et al.* (2024) integram essa noção ao defenderem que tecnologias aumentativas, como sintetizadores de voz, empoderam a expressão, enquanto Oliveira *et al.* (2025) complementam com exemplos de simulações matemáticas adaptadas, revelando o potencial para engajamento cognitivo diferenciado.

Oliveira *et al.* (2025) contrastam com visões conservadoras ao mostrar que tecnologias assistivas mitigam barreiras em disciplinas exatas, tensionando Santos *et al.* (2024), que enfatizam sua função em comunicação diária para reduzir frustrações sociais. Essa tensão evidencia que o uso prático deve ser contextualizado, evitando dependência excessiva e promovendo transferências de habilidades para interações não mediadas.

A avaliação crítica dessas tecnologias sugere que sua eficácia depende de formação docente para integração curricular, prevenindo desigualdades digitais em salas heterogêneas. Essa análise autoral, ancorada em Stainback e Stainback (1999), aponta que o suporte técnico deve ser universal, fortalecendo a coesão do grupo e a autonomia dos alunos com TEA.

Santos (2024) desdobra essa ideia ao explorar aplicativos de realidade aumentada para narrativas sociais, aproximando-se de Cunha e Mendes (2021), que analisam seu impacto em ciências iniciais através de levantamentos bibliográficos. Essa complementação ilustra que tecnologias assistivas transformam práticas isoladas em experiências colaborativas, enriquecendo o aprendizado coletivo no ensino fundamental.

A implementação prática dessas ferramentas requer políticas de acessibilidade, garantindo que todos os alunos beneficiem-se de inovações sem exclusão. O aprofundamento

surge da adaptação contínua, que alinha tecnologias a objetivos educacionais, fomentando assim ambientes inclusivos e inovadores.

Essa visão reforça que educadores atuam como facilitadores, usando tecnologias para conectar alunos com TEA ao currículo principal, promovendo inclusão ativa. Essa orientação autoral, inspirada em Mantoan (2015), destaca a relevância de avaliações éticas, assegurando que as assistivas sirvam à equidade pedagógica sustentável.

2.3. Desafios e Perspectivas Inclusivas

Desafios e perspectivas inclusivas para alunos com TEA no ensino fundamental envolvem equilibrar demandas emocionais e acadêmicas em ambientes compartilhados, onde sensibilidades sensoriais podem colidir com rotinas coletivas. Essa dualidade inicial demonstra que obstáculos como sobrecarga sensorial demandam perspectivas que priorizem bem-estar, transformando potenciais conflitos em oportunidades de crescimento mútuo. Santos (2024) sustenta essa abordagem ao argumentar que desafios comunicativos se resolvem com mediação sensível, enquanto Mantoan (2015) aprofunda ao propor que perspectivas inclusivas redefinem o sucesso educacional, focando em progressos individuais dentro do coletivo.

Mantoan (2015) tensiona Santos (2024) ao enfatizar que desafios institucionais, como falta de recursos, contrastam com perspectivas de formação coletiva, que empoderam professores para intervenções proativas. Essa relação explícita revela que superar barreiras exige visão prospectiva, onde desafios se convertem em catalisadores para inovações pedagógicas inclusivas.

A crítica aos desafios atuais reside na persistência de estigmas que limitam a participação plena, sugerindo perspectivas que incorporem narrativas de sucesso para desconstruir mitos. Essa reflexão autoral, alinhada a Stainback e Stainback (1999), indica que perspectivas futuras devem priorizar parcerias com famílias, ampliando o suporte além do escolar e fortalecendo a resiliência comunitária.

Santos *et al.* (2024) complementam essa análise ao discutir perspectivas de tecnologias para desafios sociais, aproximando-se de Arruda *et al.* (2025), que exploram adaptações geográficas para TEA. Essa interlocução destaca que perspectivas inclusivas integram disciplinas, transformando desafios em pontes para aprendizado interdisciplinar no ensino fundamental.

Essa articulação teórica aponta para a necessidade de políticas que financiem perspectivas inovadoras, garantindo acessibilidade a todos. O desdobramento surge da avaliação

longitudinal, que mede impactos de longo prazo, promovendo assim práticas que evoluam com as necessidades dos alunos.

A observação de perspectivas futuras reforça que educadores devem advogar por mudanças sistêmicas, usando desafios como combustível para reformas. Essa visão autoral, inspirada em Santos (2024), enfatiza a ética da inclusão, onde perspectivas inclusivas constroem escolas como espaços de dignidade e potencial realizado.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada neste estudo configura-se como pesquisa bibliográfica, procedimento que sistematiza fontes doutrinárias para construir uma análise crítica sobre práticas inclusivas para alunos com TEA. Essa opção justifica-se pela amplitude do tema, permitindo uma revisão exaustiva de contribuições teóricas que sustentem proposições pedagógicas viáveis. Lakatos e M/arconi (2017) fundamentam essa escolha ao delinear critérios para seleção de materiais relevantes, enquanto Severino (2017) aprofunda a relevância ao defender que tal abordagem integra perspectivas históricas e contemporâneas, assegurando rigor na interpretação de conceitos educacionais complexos.

Para enriquecer essa análise, apresenta-se a seguir um quadro que sintetiza o corpus teórico mobilizado, destacando as contribuições das obras selecionadas para o debate sobre inclusão no ensino fundamental.

Quadro 1 - Corpus Teórico das Práticas Inclusivas para Alunos com TEA

Ano	Autores	Título	Contribuições para a Pesquisa
2024	Santos, Silvana Maria Aparecida Viana	Inclusão de alunos com autismo no ensino regular: estratégias e desafios	Explora adaptações curriculares para mitigar barreiras sociais e cognitivas, enfatizando mediação docente.
2024	Santos, Silvana Maria Aparecida Viana; Boechat, Gisela Paula Faitanin; Carmo, Jonathan Porto Galdino do	Estratégias de comunicação alternativa e aumentativa para crianças autistas	Propõe ferramentas visuais e digitais para expressão, fomentando interação em salas comuns.
2024	Santos, Silvana Maria Aparecida Viana; Medeiros, Jéssica Marinho; Meroto,	Práticas pedagógicas inclusivas e tecnologias: o caminho para o processo de aprendizagem	Analisa integração de tecnologias assistivas para

	Monique Bolonha das Neves		personalizar aprendizado, promovendo autonomia.
2015	Mantoan, Maria Teresa Eglér	Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?	Define inclusão como reconstrução ambiental, guiando adaptações para equidade pedagógica.
1999	Stainback, Susan; Stainback, William	Inclusão: um guia para educadores	Oferece orientações práticas para colaboração em salas heterogêneas, reduzindo isolamento.
2025	Souza, Viviane Santiago de; Guisso, Luana Frigulha	Práticas pedagógicas inclusivas para alunos com TEA	Destaca rotinas estruturadas para gerenciar ansiedades, integrando família e escola.
2025	Morais, David do Nascimento	Desvendando a matemática com o TEA: estratégias pedagógicas para o ensino de matemática para alunos do ensino fundamental	Adapta jogos visuais para conceitos matemáticos, fomentando confiança em alunos com TEA.
2025	Santos, Stephanie Cunha Araujo Dos <i>et al.</i>	Práticas de ensino de língua portuguesa inclusivas: adaptações e estratégias para alunos com TEA no ensino fundamental	Propõe narrativas personalizadas para desenvolvimento linguístico, enfatizando comunicação não verbal.
2025	Oliveira, Débora Aparecida Ferreira de <i>et al.</i>	Tecnologia assistiva e matemática: inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino fundamental	Integra apps para simulações, complementando estratégias para TEA em disciplinas exatas.
2021	Cunha, Priscilla Ramos Figueiredo; Mendes, Marta Ferreira Abdala	Práticas inclusivas no ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental: um levantamento bibliográfico	Mapeia adaptações experimentais para ciências, promovendo engajamento sensorial controlado.
2023	Nunes, Amisson dos Santos; Adorni, Dulcinéia da Silva	Revisitando o ensino de química nas escolas da rede pública de ensino fundamental e médio de Itapetinga-BA: o olhar dos(as) alunos(as)	Analisa perspectivas estudantis sobre práticas químicas adaptadas, revelando necessidades de TEA.
2026	Silva, Izabel Cristina Lopes da; Mendes, Sandra Karina Barbosa	Educação especial e ensino de inglês: métodos e práticas para alunos com TEA no ensino fundamental	Desenvolve métodos bilíngues com visuais, facilitando aquisição linguística inclusiva.
2025	Picanço, Ana Guedes	Práticas pedagógicas inclusivas para estudantes com deficiência	Orienta formações para deficiências, incluindo TEA,

			com foco em equidade curricular.
2025	Arruda, Ítalo Rodrigo Paulino de <i>et al.</i>	Práticas pedagógicas no ensino de geografia para estudantes com TEA no ensino fundamental	Propõe mapas táteis e narrativas espaciais para compreensão geográfica adaptada.
2025	Santos, Melry Braga dos	Práticas pedagógicas inclusivas para estudantes com deficiência	Enfatiza atividades colaborativas para deficiências, promovendo empatia em grupos com TEA.
2025	Pinheiro, M.A.T.	Tabela de coluna numérica zero mais: um recurso inclusivo para alunos com dificuldade de aprendizagem numérica nos anos iniciais do ensino fundamental	Cria ferramentas numéricas visuais para dificuldades associadas ao TEA em matemática inicial.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A adequação dessa abordagem bibliográfica ao problema investigado manifesta-se na capacidade de sintetizar perspectivas teóricas que orientem práticas concretas, alinhando o corpus à proposta de inclusão para alunos com TEA. Essa coerência entre método e objetivos assegura que a análise não se limite a descrições, mas avance em proposições aplicáveis, demonstrando assim a robustez da pesquisa para contribuir ao campo educacional.

10

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre práticas pedagógicas inclusivas para alunos com TEA no ensino fundamental ilumina caminhos para ambientes escolares equitativos, onde adaptações comunicativas e tecnológicas se entrelaçam para fomentar autonomia e interação. Essa exploração revela que intervenções personalizadas, como rotinas visuais e ferramentas assistivas, não apenas atendem necessidades específicas, mas elevam a qualidade do aprendizado coletivo, transformando salas de aula em espaços de diversidade produtiva e crescimento compartilhado.

O percurso analítico destaca a interdependência entre formação docente e suporte institucional, elementos que sustentam a implementação efetiva de estratégias adaptadas, garantindo que desafios sensoriais e sociais se convertam em oportunidades de desenvolvimento integral. Essa dinâmica evidencia que a inclusão plena exige compromisso contínuo com avaliações formativas, as quais ajustam práticas em tempo real para alinhar

currículo a realidades individuais, promovendo assim uma educação responsiva e transformadora.

Perspectivas futuras apontam para a expansão de redes colaborativas envolvendo famílias e especialistas, ampliando o impacto das práticas além do âmbito escolar e fortalecendo a resiliência comunitária. Essa visão prospectiva reforça que o avanço na inclusão para alunos com TEA depende de políticas que priorizem recursos acessíveis, integrando inovações para uma educação que valorize singularidades como forças coletivas.

A síntese desse exame sugere que práticas inclusivas redefinem o ensino fundamental como arena de potencial humano irrestrito, onde empatia e inovação guiam o progresso educacional. Essa orientação final sublinha a responsabilidade compartilhada de educadores em cultivar ambientes que celebrem diferenças, pavimentando trajetórias de empoderamento e realização para todos os alunos.

5. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ítalo Rodrigo Paulino de; [et al.]. Práticas pedagógicas no ensino de geografia para estudantes com TEA no ensino fundamental. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 8, n. 1, p. 33-47, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2594-9616.2025.265520>.

BENÍCIO, Débora Regina Fernandes. Acessibilidade e uso de recursos didáticos e tecnológicos voltados para a educação de estudantes com deficiência. In: **Tecnologias assistivas, ensino de ciências e educação matemática inclusiva na pauta do V CINTEDI: tecendo redes de solidariedade na sociedade pós-moderna**. [S.l.]: Editora Realize, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46943/v.cintedi.2024.02.012>.

CARNIELLO, Monica Franchi; BUSSOLOTTI, Juliana Marcondes; SOUZA, Mariana Aranha de. Práticas pedagógicas inclusivas e DUA: um olhar para a matemática no ensino fundamental. In: **Anais XIII Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento - XIII CICTED 24**. [S.l.]: Even3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/xiiiicited24.952900>.

COSTA, Mislene de Oliveira; SILVA, Rosuíla dos Santos. As sequências didáticas na disciplina de ciências do ensino fundamental: contribuições para as práticas pedagógicas inclusivas. In: **Educação e formação de professores: estudos multidisciplinares**. [S.l.: s.n.], 2025. p. 141-157. Disponível em: <https://doi.org/10.52832/wed.163.932>.

CUNHA, Priscilla Ramos Figueiredo; MENDES, Marta Ferreira Abdala. Práticas inclusivas no ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental: um levantamento bibliográfico. In: **Anais do Congresso Nacional de Práticas Inclusivas**. [S.l.]: Even3, 2021. v. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/141967.2-5>.

FRANCO, Tereza Mieke Kato. Motivação e crenças de autoeficácia de professores no contexto das práticas inclusivas. In: **Práticas pedagógicas inclusivas: estratégias e possibilidades de**

ensino e aprendizagem. [S.l.: s.n.], 2023. p. 76-86. Disponível em: <https://doi.org/10.52788/9786589932772.1-5>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEAL, Priscila Batista Alves; DEORCE, Mariluz Sartori. **Atividades pedagógicas para o desenvolvimento de alunos com TDAH – ensino fundamental I.** [S.l.]: Diálogo Comunicação e Marketing, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/5671845>.

MACIEL, Bruno Eduardo de Bairos. Iniciação esportiva do futsal: conceitos e práticas sobre o ensino do futsal para alunos do ensino fundamental. In: **Ensino: tecnologias e práticas pedagógicas.** [S.l.: s.n.], 2022. p. 103-117. Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.8862203089>.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?.** São Paulo: Summus, 2015.

MELO, Edilane da Silva. A interface educacional da pessoa surda no ensino fundamental com ênfase na análise das práticas pedagógicas inclusivas. In: **Anais da sexta Semana de Iniciação Científica da Faculdade de Itaituba.** [S.l.]: Even3, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/vi-semana-de-iniciacao-cientifica-da-fai-562204.1182062>.

MORAIS, David do Nascimento. **Desvendando a matemática com o TEA: estratégias pedagógicas para o ensino de matemática para alunos do ensino fundamental.** [S.l.]: Even3 Publicações, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/5548849>.

12

MOTA, Saraiany da Silva; MOTA, Robson da Silva. A relevância das práticas pedagógicas inclusivas no ensino fundamental I: análise e estratégias. **Qualyacademics**, v. 3, n. 1, p. 27-41, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.59283/unisv.v3n1.003>.

NASCIMENTO, Alessandra Pedro de Sousa; [et al.]. As artes visuais como metodologia para o auxílio no desenvolvimento cognitivo de alunos com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Pedagogia - desafios e práticas pedagógicas no contexto amazônico - volume 4.** Belo Horizonte: Editora Poisson, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.36229/978-65-5866-379-9.cap.08>.

NASCIMENTO, Mayra Carolliny Pereira do; CARDOSO, Maria Barbara da Costa. A eficácia das práticas pedagógicas inclusivas no desenvolvimento cognitivo e social de crianças com deficiência intelectual no ensino fundamental. **Revista Eletrônica Amplamente**, p. 1168-1186, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47538/ra-2025.v4n3-79>.

NUNES, Amisson dos Santos; ADORNI, Dulcinéia da Silva. Revisitando o ensino de química nas escolas da rede pública de ensino fundamental e médio de Itapetinga-BA: o olhar dos(as) alunos(as). In: **Práticas pedagógicas e inclusivas no ensino de ciências.** [S.l.: s.n.], 2023. p. 78-90. Disponível em: <https://doi.org/10.37885/231014694>.

OLIVEIRA, Débora Aparecida Ferreira de; [et al.]. Tecnologia assistiva e matemática: inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino fundamental. In: **Práticas pedagógicas inclusivas: inspirações para ressignificar a escola.** [S.l.: s.n.], 2025. p. 46-58. Disponível em: <https://doi.org/10.52695/978-65-5456-131-0.3>.

PICANÇO, Ana Guedes. Práticas pedagógicas inclusivas para estudantes com deficiência. In: **Educação e o ensino contemporâneo: práticas, discussões e relatos de experiências 21**. [S.l.: s.n.], 2025. p. 17-21. Disponível em: <https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.484.2>.

RODRIGUES, Viviane. **Narrativas de professores que atuam com alunos surdos: práticas pedagógicas inclusivas e bilíngues**. [S.l.]: FapUNIFESP (SciELO), 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOpreprints.13992>.

ROMANO, Maria da Silva Santos; JOSÉ, Gesilane de Oliveira Maciel. Estratégias pedagógicas inclusivas no ensino de química para estudantes com TDAH. In: **Diversidade e inclusão: avanços, pesquisas e práticas transformadoras**. [S.l.: s.n.], 2024. p. 110-132. Disponível em: https://doi.org/10.36926/editorainovar-978-65-5388-274-4_007.

SANTOS, Melry Braga dos. Práticas pedagógicas inclusivas para estudantes com deficiência. In: **Educação e o ensino contemporâneo: práticas, discussões e relatos de experiências 21**. [S.l.: s.n.], 2025. p. 59-63. Disponível em: <https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.484.7>.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana. Inclusão de alunos com autismo no ensino regular: estratégias e desafios. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.3-102>.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana; BOECHAT, Gisela Paula Faitanin; CARMO, Jonathan Porto Galdino do. Estratégias de comunicação alternativa e aumentativa para crianças autistas. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, v. 22, n. 5, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/oelv22n5-140>.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana; MEDEIROS, Jéssica Marinho; MEROTO, Monique Bolonha das Neves. **Práticas pedagógicas inclusivas e tecnologias: o caminho para o processo de aprendizagem**. [S.l.]: Editora Contemporânea Ltda., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/edcont.978-65-982396-1-9>.

SANTOS, Stephanie Cunha Araujo Dos; [et al.]. Práticas de ensino de língua portuguesa inclusivas: adaptações e estratégias para alunos com TEA no ensino fundamental. **Revista de Geopolítica**, v. 16, n. 5, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/revgeov16n5-224>.

SARAIVA, Kemila da Silva; MARTINS, Lissandra Naveca; SILVESTRE, Vanderleia dos Santos. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Pedagogia - desafios e práticas pedagógicas no contexto amazônico - volume 3**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36229/978-65-5866-258-7.cap.05>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Izabel Cristina Lopes da; MENDES, Sandra Karina Barbosa. Educação especial e ensino de inglês: métodos e práticas para alunos com TEA no ensino fundamental. **Revista FT**, v. 30, n. 154, p. 20-21, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.69849/revistaft/dt10202601310820>.

SOUZA, Viviane Santiago de; GUISSO, Luana Frigulha. **Práticas pedagógicas inclusivas para alunos com TEA**. [S.l.]: Diálogo Editorial, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/5520896>.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VERISSIMO, Natalia Barbosa; PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza. Da exclusão à inclusão escolar à luz da teoria crítica: compreendendo os paradigmas para oportunizar práticas pedagógicas inclusivas. In: **Práticas pedagógicas inclusivas: estratégias e possibilidades de ensino e aprendizagem**. [S.l.: s.n.], 2023. p. 9-23. Disponível em: <https://doi.org/10.52788/9786589932772.1-1>.